CONTROLE PARASITOLÓGICO DOS SUÍNOS CRIADOS AO AR LIVRE DA FAZENDA ESCOLA CAPÃO DA ONÇA, PONTA GROSSA, PR

Nicole Domboski (PIBIC-EM-CNPq/UEPG), Fernanda Rubia Lima, Juliana Stocco Martins, Juliane Andressa Ferreira dos Santos, Jonathan William Andrade Ribeiro, Romerson Victor Hornes, Maria Marta Loddi (Orientador), e-mail: loddimm@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Colégio Estadual Prof. João Ricardo Von Borell Du Vernay

Zootecnia, Produção Animal.

Palavras-chave: Suinocultura, SISCAL, Parasitas.

Resumo:
O projeto de pesquisa foi realizado no plantel de suínos da Fazenda Escola “Capão da Onça”, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR. Foram utilizados animais das linhagens Industriais e Moura, com pesos que variam de 50 a 300 kg e idade acima de cinco meses, criados em sistema de ar livre - SISCAL. Animais próximos do parto; recém-paridos ou debilitados, tiveram suas coletas suspensas temporariamente, variando em número de 12 a 14 animais no decorrer do período. As fezes foram coletadas manualmente, diretamente da ampola retal com auxílio de luvas cirúrgica, acondicionadas em uma sacola plástica e realizada a identificação do animal. As amostras foram imediatamente analisadas após a coleta no Laboratório de Parasitologia Animal da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Na avaliação foi utilizado o método de contagem de ovos parasitários por gramas de fezes (OPG). Para isso, 4g de fezes de cada animal foram pesadas, homogeneizadas em 26 ml de solução salina, filtrada utilizando uma gaze, seguida de 30 ml de água destilada para completar a solução. Logo após, foi retirado uma alíquota da solução para preenchimento da câmara de Macmaster. Após cinco minutos de descanso na câmara, foi realizada a contagem de ovos encontrados nos dois lados da câmara. Cada ovo encontrado foi multiplicado por 50, padrão utilizado em espécies suínas. Em todas as coletas, de março a julho de 2019, foram identificados apenas ovos de estrongilídeos, hospedeiros gastrointestinais dos suínos. Para os meses de abril, maio e junho os resultados foram de 1600, 1600 e 1400 OPG, respectivamente, caracterizando o período como outono. Assim, foi observado as maiores médias de contagem de OPG, justificando-se pelo aumento considerável de temperatura e umidade, fatores determinantes para o desenvolvimento de fases infectantes das larvas de estrongilídeos, chamada fase L3. No inverno, representado pelo mês de julho, a média de OPG decresceu (560 OPG), pois a temperatura média menor e a baixa precipitação desfavoreceu o desenvolvimento das larvas. Os resultados foram importantes para identificar a proliferação parasitária em suínos no SISCAL, durante o período avaliado e desta forma pode-se planejar medidas de controle parasitário a fim de melhorar as condições dos rebanhos em tal sistema.

Agradecimentos
Agradeço ao CNPq pela concessão da bolsa durante todo o período do projeto e a Universidade Estadual de Ponta Grossa pelo uso do espaço físico e estrutura laboratorial.